

O sagrado feminino e a presença da Deusa em um círculo de mulheres de Fortaleza

Yls Rabelo Câmara¹

Resumo

Este artigo – fruto de uma pesquisa básica, de abordagem qualitativa e de objetivo exploratório –, surgiu da necessidade de abordarmos a Espiritualidade feminina representada pelas danças circulares que cultuam o Sagrado Feminino. Assim, ancoramos nosso levantamento bibliográfico em Cordovil (2015), Ribeiro (2008, 2012) e Oliveira (2005), dentre outras e outros investigadores. A partir dessa revisão de literatura, aliamos a teoria a um trabalho de campo de observação participante e aplicamos uma entrevista semiestruturada final às integrantes de um círculo de mulheres praticantes das danças sagradas femininas na cidade de Fortaleza, no estado brasileiro do Ceará, mulheres essas que cultuam a Deusa e reverenciam o sangue menstrual. À guisa de conclusão, acredita-se que o resultado da pesquisa em tela tem o potencial de contribuir para mostrar a importância de se estudar esse fenômeno, paralelo a tantas outras formas de expressão da Espiritualidade entre mulheres.

Palavras-Chave: Espiritualidade feminina, Danças circulares, Círculos de mulheres.

1. Introdução

Neste artigo, fazemos um percurso pela História no que tange à presença da Deusa em diferentes momentos da trajetória humana, através de uma revisão de literatura, e analisamos sua influência nas congregantes do círculo de mulheres que nos serviu de objeto de estudo, círculo esse que honra o sangue menstrual e a Espiritualidade feminina materializada na Deusa – que elas cultuam como o expoente de seus sistemas de crença. Para além disso, realizamos 10 (dez) observações participantes nesse grupo, assim como uma entrevista semiestruturada final com todas as mulheres que dele fazem parte. Os resultados obtidos compõem a última parte desse trabalho.

Acreditamos que esta metodologia, de base teórica e prática, em consonância com Lakatos e Marconi (2010), é a mais coerente para a pesquisa que pretendíamos realizar a partir da práxis que nos envolveu por mais de nove meses entre levantamento bibliográfico, coleta e análise dos dados e a consequente escrita deste artigo à guisa de relatório – surgido a partir do que foi evidenciado e estudado. Optamos pela quantidade de dez encontros com as dançantes do círculo de mulheres elegido seguindo o que norteia Minayo (2001), e pela entrevista ao final da investigação, logo após as observações participantes finalizarem porque, assim como Lakatos e Marconi (2010) defendem, colheríamos mais dados que não haviam sido captados durante o levantamento bibliográfico nem na vivência da experiência. Sendo

¹ Hispano-brasileira, Doutora e Mestra em *Filología Inglesa* pela Universidad de Santiago de Compostela (USC), com Estágio Pós-Doutoral em Educação pela Universidade Estadual do Ceará (Uece) – onde também se licenciou em Letras Português/Inglês. E-mail: ylscamara@hotmail.com.

semiestruturadas as perguntas, teríamos, por conseguinte, a liberdade para lhes adicionar alguma outra, se esse fosse o caso, com o fito de obtermos as informações mais precisas.

Na sequência, apresentamos o arcabouço teórico sobre o qual nos ancoramos nesta investigação e, ato contínuo, os resultados e a discussão.

2. Marco Teórico

Ao investigarmos sobre as rezadeiras como intercessoras femininas nos processos de cura, no município de Fortaleza, em nossa trajetória de pesquisa no estágio pós-doutoral, deparamo-nos com a adesão de mulheres a outras manifestações do culto à Espiritualidade feminina, como os círculos de mulheres (dentre os quais, o que nos serviu de objeto de estudo neste trabalho, que têm como divindade máxima, a Deusa), cujas praticantes usufruem de um estilo de vida *sui generis* e centrado no ecologicamente sustentável, reverenciando o sangue menstrual e a centelha divina que o mesmo apresenta tanto para suas pares menstruantes como também para as amenorreicas – as *sábias* ou *anciãs* que já são menopáusicas ou estão finalizando o processo do climatério feminino.

Essa Deusa inespecífica, para Prieto (2009), não é necessariamente vista como uma pessoa, mas como uma força multifacetada de energia que se expressa em uma variedade de formas e pode ter inúmeros nomes: Astarte, Inanna, Lillith, Isis, Maat, Brigid, Cerridwen, Gaia, Demeter, Danu, Arianhod, Cerridwen, Afrodite, Vênus, Artemis, Athena, Kali, Lakshmi, Kuan-Yi, Pele e Mari, entre muitos outros. A Ela foram atribuídos vários símbolos (como serpentes, pássaros, a Lua e a Terra). Ela é a Criadora e a Destruidora; tudo vem Dela e tudo a Ela retornará (assim mesmo, com pronomes e adjetivos com iniciais capitais, conforme o teórico).

À luz de Cordovil (2015), ritos pagãos que remetem ao Paleolítico (quando essa entidade feminina foi cultuada como a máxima expressão de seu panteão sagrado e para o qual a figura masculina aparecia como menor e dependente dela) seguiram sendo praticados por povos não observadores das religiões monoteístas. Nesses cultos, a referência ao mênstruo (que ressalta uma das diferenças mais demarcadas entre o masculino e o feminino) e ao ciclo reprodutivo da mulher (que espelha o da Terra) eram abundantes, e a figura feminina, respeitada como uma representante divina fidedigna (CÂMARA, 2016).

Em paralelo, Feldmann (2016) advoga que a liturgia judaico-cristã, falocêntrica em seu bojo de vertente aristotélica, apropriou-se iconoclasticamente dos ritos que se faziam à Deusa antes da Era Comum e já nela, há mais de dois mil anos, vem fagocitando o elemento feminino, mostrando, em igual medida, o sangue menstrual como impuro, evitável e ligado à

suposta debilidade da mulher. Essa concepção, reproduzida por quem detinha maciçamente os meios de produção até bem recentemente – o elemento masculino – seguiu sendo disseminada sem filtros racionais até meados do século passado, quando a culto à Deusa e uma repaginação do conceito que se tinha sobre menstruação entrelaçaram-se, conforme Câmara (2016), modificando crenças vetustas e preconceitos *idem*, evocando os ecos de uma cultura ancestral e que valorava as mulheres como a força matricial da comunidade, as genuínas representantes de uma Deusa maternal e nutrícia.

O sangue menstrual, diga-se, apesar de ora ser profusamente valorizado pelas praticantes do culto ao Sagrado Feminino como um liame entre elas e a Deusa, ainda causa bastante asco, aversão, rechaço e (re)acende tabus tanto no Ocidente quanto (e principalmente) no Oriente (CÂMARA, 2016). Sobre o mênstruo e sua importância para a mulher, em suas diversas etapas de vida e que o ligam ao Divino, Ribeiro (2008, p. 105) afirma que “A puberdade, a maternidade e a menopausa são eventos de transformação na vida da mulher intimamente ligados ao sangue que ritualizam a *ginergia*, energia relacionada à essência divina entendida como natureza do Feminino.”.

Por essa razão, afirmamos, de acordo com Cordovil (2015), que o culto ao sangue proveniente da menstruação se une ao culto vetusto do ciclo reprodutivo, que tinha a mulher no papel preponderante de doadora de vida. Afirma-se que nas culturas paleolíticas, os aspectos ligados ao ciclo reprodutivo feminino eram considerados sagrados, especialmente por ser a mulher capaz de, através da menstruação, sangrar sem morrer, e o mais incompreensível para os nossos antecessores de então: dar à luz a uma nova vida sem que o homem aparentemente participasse do processo. Testemunhos dessa adoração ao feminino podem ser encontrados nas estatuetas denominadas de Vênus Paleolíticas.

Sem embargo, a veneração a uma Deusa não ficou no passado: a segunda metade do século XX marcou o renascimento de seu culto, junto com o advento da segunda onda do feminismo no Ocidente e com as demandas das feministas daquele momento histórico. A partir de então, o Sagrado Feminino, os círculos de mulheres, as danças circulares, a Wicca – a religião neopagã mais difundida no Ocidente (PRIETO, 2002) – e outras manifestações do neopaganismo e da Nova Era passaram a ser alguns dos assuntos cada vez mais presentes nos discursos dos que buscavam e buscam uma vida mais conectada com a natureza, com a ressignificação do sentido simbólico da menstruação e com a Espiritualidade característica das mulheres.

Sobre essa presença divina feminina no Inconsciente Coletivo das sociedades ocidentais (mais do que no das orientais, reforçamos) em suas origens, abordamos, *em passant*, na próxima seção.

2.1 A presença da Deusa nos primórdios da humanidade

O culto ao Divino Feminino é, como assevera Oliveira (2005), um dos mais antigos da história da Humanidade. Representações de uma Deusa podem ser encontradas na Europa em diferentes grupos arqueológicos do Paleolítico e do Neolítico, estendendo-se até o início da Idade Antiga. Segundo Ribeiro (2012), o poder feminino era associado à *Tellus Mater*, a força cósmica e espiritual que tanto tinha de criadora como de destruidora sobre a natureza e sobre os seres humanos por extensão. Destarte, uma das características anímicas principais dessa divindade feminina era a *coincidentia oppositorum*, a personalidade ambígua da Deusa: ao mesmo tempo em que era uma mãe bondosa, era também uma mãe terrível; útero e túmulo dos homens; provedora de vida, morte e renascimento.

Desse modo, à luz de Oliveira (2005), entre 100.000 e 10.000 AEC aproximadamente, representações dessa divindade feminina foram esculpidas nas Vênus Paleolíticas supracitadas, ou seja, nas pequenas esculturas com seios, ventres e quadris avantajados que aludem à fertilidade – dentre as quais, algumas das mais famosas são a de Lesplugue e a de Willendorf. Tradicionalmente consideradas como ligadas a algum culto antigo à fertilidade, essas pequenas esculturas (de não mais do que trinta centímetros) foram reinterpretadas por Gimbutas (1982) como representações dos poderes geradores do ciclo vital.

Em consonância com essa teórica, Oliveira (2005) afirma: “[...] se a vida era percebida como um *abuterum*, um emergir do ventre da Terra, a morte representava uma volta, um regresso *ad uterum*, para que um novo nascimento pudesse acontecer. Assim ocorria com a semente; assim também com o homem.”. (OLIVEIRA, 2005, p. 1). Os ciclos de morte e renascimento, criação e destruição observados na natureza eram sentidos como igualmente válidos para a trajetória do homem no mundo. Para a Humanidade do início dos tempos, não havia separação entre o mundo humano e o mundo natural e todos compartilhavam o mesmo destino como filhos da Terra (OLIVEIRA, 2005).

Esses achados mudaram a forma como se havia percebido a Pré-História até então, ligada primordialmente aos grandes caçadores e coletores e devido a eles conhecida como o *Período dos Caçadores/Coletores*, consoante Oliveira (2005), mas que não os representou fisicamente (apenas iconograficamente) como a essa divindade feminina. Isso leva a crer que, naquele momento, havia uma cultura ginocêntrica “[...] altamente civilizada, pacífica e ligada

às estações do ano e aos ciclos lunares.”. (VIEIRA, 2011, p. 23), que acreditava que a vida vem da mulher e a ela retorna; o feminino tido como inequivocamente criador.

Acredita-se que aquela foi uma época caracterizada pelo respeito à consanguinidade materna e ao culto a uma Deusa-Mãe que as vênus representavam. Era dada à mulher uma conotação divina que a ligava ao Sagrado pelo nascimento dos bebês (que não eram vistos como o resultado concreto das relações sexuais praticadas entre seus genitores) e ao ciclo menstrual (considerado uma incógnita, um mistério incurável, mas não fatal), associado à obra do Divino. A grande revolução nessa crença ocorreu no Neolítico, com o homem sedentarizando-se, descobrindo sua participação na concepção da vida e deslocando para si o protagonismo que a mulher até então gozara.

É importante frisarmos que, mesmo em uma cultura matrifocal, havia a existência de divindades masculinas, ainda que menores em importância, como o filho da Deusa, seu irmão, amante ou consorte e o Deus-Caçador, que cuidava da caça e de parte do sustento da comunidade. Segundo Câmara (2016), com o advento do cristianismo e o seu subsequente estabelecimento como religião oficial de grande parte do mundo ocidental e *civilizado* a partir do ano 380, houve a reiterada tentativa de suprimir a Deusa-Mãe até então cultuada e de substituí-la pelo Deus-Pai. Assim, com o decurso do tempo, as tentativas constantes de embotamento da divindade feminina em detrimento da ascensão de uma divindade masculina levaram ao culto mariano – mas somente a partir do século V:

Pasado algún tiempo, en el siglo V, surgen imágenes de María que se parecen más a la reencarnación de la Diosa debido a la asociación de estas imágenes al trigo, a la cebada y a la viña; se la relaciona, de esta forma, a la fertilidad de la tierra. A través de Cibele, Deméter, Afrodita e Inanna, se la vincula también a la Diosa Madre neolítica, la donadora de vida. Las remotas fiestas dedicadas a diosas antiguas también pasan a celebrarse bajo otros nombres y a dedicarse a otras deidades, a los antiguos espíritus de la tierra se los comienza a llamar demonios, se reemplaza a la Diosa del grano por figuras de Santas (con la excepción de Santa Brígida) y, ya en el siglo XII, a María se la considera como la responsable del mantenimiento y de la nutrición de la humanidad. Paulatinamente, el culto mariano se va apropiando de todo lo que antaño era consagrado a la Diosa Madre de los celtas y a otras diosas igualmente importantes para otros pueblos antiguos². (CÂMARA, 2016, p. 101-102).

² Passado algum tempo, no século V, surgem imagens de Maria que se parecem mais com a reencarnação da Deusa devido à associação dessas imagens com o trigo, a cevada e a uva; a relacionamos, assim, à fertilidade da terra. Através de Cibele, Deméter, Afrodite e Inanna, a vinculamos também à Deusa-Mãe neolítica, a doadora de vida. As festas remotas dedicadas a deusas antigas também começaram a ser celebradas sob outros nomes e a serem dedicadas a outras divindades; aos antigos espíritos da terra passou-se a chamar de demônios; substituiu-se a Deusa do Grão por imagens de santas (com a exceção de Santa Brígida) e, já no século XII, considera-se Maria como a responsável pela manutenção e nutrição da Humanidade. Paulatinamente, o culto mariano vai se apropriando de tudo o que antigamente era dedicado à Deusa-Mãe dos celtas e a outras deusas igualmente importantes para outros povos antigos. (Tradução da Autora).

Bachofen (1967) gerou uma polêmica que até hoje perdura ao cunhar o termo *matriarcado* em seu livro *Mother Right: An Investigation of the Religious and Juridical Character of Matriarchy in the Ancient World*, publicado pela primeira vez em 1861. Parte da celeuma veio da tradução incorreta do termo do alemão para o inglês, conforme Vieira (2011). Segundo essa investigadora, o mais ponderado teria sido que se houvesse usado o termo *ginocracia* ou *ginococracia* em vez de *matriarcado*, que indicaria uma sociedade sem estruturas de poder ou hierarquias, onde os meios de produção pertenceriam a todos e onde existiriam leis para prevenir o acúmulo de bens e de poder.

A outra parte da controvérsia veio da compreensão diferenciada do termo por vários investigadoras e investigadores de distintas áreas, que não entravam em acordo quanto a uma perspectiva única e definitiva para ele. O fato é que por mais que a existência desse *matriarcado* seja contestável entre pesquisadores do campo da Arqueologia, da História e da Antropologia, o imaginário em torno da mulher como ser sagrado vem sendo cada vez mais investigado academicamente e difundido entre algumas correntes neo-esotéricas – em especial, desde a segunda metade do século passado, com os movimentos de contracultura advindos em paralelo com o advento da segunda onda do feminismo no Ocidente.

Sobre a presença da Deusa no transcurso dos séculos, concomitantemente ao desenvolvimento das religiões monoteístas (judaísmo, cristianismo e islamismo) que tentaram suprimir sua existência e importância silenciando-a e apagando-a, mas sem lograr o êxito esperado, tratamos a seguir.

2.2 A presença da Deusa na História: sua vida, morte e renascimento

Ao longo da História, diversas têm sido as tentativas e as estratégias para se *domesticar* a mulher, a fim de se controlar o seu corpo e a sua sexualidade. Conforme defende Freitas (2013), a “[...] docilização e domesticação necessária dos corpos femininos dá-se através de discursos e práticas que reforçavam a importância da mulher assumir seu papel de ‘reprodutora’ e cuidadora da prole como um serviço à família e à pátria.”

Assim como no que tange à sociedade *per se*, a participação feminina nas estruturas religiosas tem passado por diferentes etapas: da adoração ao princípio feminino à sua negação e posterior resgate; do respeito à mulher sacerdotisa ao medo que seu poder representa. Em outras palavras, a história da Humanidade transcorre em um jogo de polaridades onde o feminino e o masculino, representando poderes, se contrapõem (JUNQUEIRA; SCHLOGEL; KLUCK, 2009).

A Deusa a quem nos referimos nesse trabalho, conhecida também como a *Senhora dos dez mil nomes*, foi adorada, para além do Paleolítico e do Neolítico, por povos ancestrais da Idade Antiga:

O mundo mediterrâneo cultuou essa divindade através de imagens diversas como Deusa do amor, da guerra, dos lares, da *polis*, da morte, e com muitos nomes, que variam conforme sua nacionalidade, mas ela era predominantemente a Grande Mãe, Senhora do Destino, que tanto protegia e cumulava de benefícios quanto desprezava, perseguia e punia com castigos implacáveis homens e mulheres. Dentre as mais conhecidas configurações da Deusa Mãe destacam-se Ísis, no Egito, Gaia, em Creta, Rea em Micenas, Deméter, no santuário de Elêusis, Hera na cidade de Atenas, Afrodite, na Frígia, Ártemis, em Éfeso, Dea, na Síria, Anaitis, na Pérsia, Istar, na Babilônia, Astarte, na Fenícia, Atargatis, na Cananéia, Mâ, na Capadócia, Bendis e Cottyto, na Trácia. Conhece-se também variadas personificações dos horrores femininos que derivam da suprema Mãe Terrível, como as Górgonas, as Fúrias ou Erínias, as Keres, as Sereias, as Harpias, Lâmia, Êmpusa, Circe, Cila, Caríbdis, Kali, Sin, dentre outras. (RIBEIRO, 2008, p. 105).

Independentemente dos diferentes nomes que tenha vindo a adotar, em todos esses e em outros lugares, a Deusa representava o princípio criador e simbolizava a unidade espiritual do feminino com a Terra. Consoante Oliveira (2005), seu culto foi destruído e, paulatinamente, substituído: primeiramente, pelos deuses guerreiros; depois, pelo monopólio de um Deus único. Na impossibilidade de se destruir sua imagem e representação por completo, seu culto foi sendo paulatinamente tergiversado (OLIVEIRA, 2005). Foi um longo processo, que teve início ainda no Neolítico, no caso das culturas situadas no Antigo Continente, com as primeiras invasões indo-europeias, que trouxeram consigo uma nova ordem social dominada pelo elemento masculino – povos nômades e violentos que cultuavam deuses masculinos que foram impostos à revelia aos antigos adoradores da Deusa.

Pouco a pouco, as reminiscências dessa Deusa foram sendo apagadas da memória social coletiva, na medida que ela era reiteradamente mostrada como uma divindade perniciosa, no eterno combate entre representantes das religiões hegemônicas e uma serpente ou um dragão – ambos símbolos pagãos e ancestrais dessa entidade feminina maior, conforme Pessoa (2020). A representação ofídica, principalmente, segundo esse investigador, esteve muito presente nos sistemas de crença mesopotâmicos, egípcios, hititas e cananeus, ligada às deusas Aserá e Astarte, assim como a Baal e Yam. Na Bíblia, as serpentes, no papel que lhes foi concedido de vilãs por excelência, estão presentes nos livros de Gênesis, Números, Jó, Isaias e Sabedoria (PESSOA, 2020). No Novo Testamento, podemos atestar a visão negativa hebraica sobre o universo mágico das serpentes nos evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João, assim como também no Apocalipse.

Nas batalhas entre os representantes do Bem e esses *representantes do Mal*, estes eram invariavelmente vencidos por aqueles, e a partir de seu desaparecimento, punha-se supostamente fim às práticas pagãs dos que tinham a serpente ou o dragão como símbolos máximos de poder: “São exemplos desse arquétipo: a luta de Apolo com a serpente Píton entre os gregos; de Javé contra o Leviatã entre os hebreus; de Marduk contra Tiamat, entre os babilônios [...]”. (OLIVEIRA, 2005, p. 5-6). No Livro do Apocalipse, vislumbramos Maria de Nazaré – que até então não passava de uma figura inexpressiva, mas que a partir do século VIII foi sendo elevada à condição e categoria de Deusa-Mãe cristã ao assumir características de deusas pagãs que lhe antecederam – esmagando a cabeça da serpente, em uma clara alusão à Nova Religião que ela representa, sobrepujando as religiões anteriores à dela e na cena representadas por um de seus ícones mais emblemáticos: a cobra.

Mesmo insistentemente dilapidada em suas características mais *sui generis*, a Deusa continuou existindo, insubordinada aos novos tempos, em mitologias várias:

Seja na representação das deusas, onde aparece, por exemplo, nas atitudes vingativas de Hera – uma Grande Mãe reduzida ao papel de consorte do Deus; na recusa de Deméter – a Senhora dos Grãos – de permitir que a Terra produza até que sua filha lhe seja devolvida ou, ainda, no total desrespeito de Afrodite – a Deusa asiática da fertilidade – às convenções do casamento patriarcal. Ele aparece também nas atitudes das mulheres mortais que lutam contra os ditames de um mundo masculino. É o caso, entre outros, das Amazonas, guerreiras dedicadas à virgem caçadora Ártemis; de Atalanta, que desafia os homens no seu próprio campo de ação e só é vencida graças a um estratagema, e de Medéia que escolhe como alvo da sua vingança aquilo que é mais importante para o homem dentro do esquema patriarcal – sua descendência. (OLIVEIRA, 2005, p. 6-7).

O exercício coletivo de rebeldia feminina provocou rechaço e retaliação por parte da estrutura patriarcal acachapante em diferentes graus, tempos, modos e contextos e teve sua maior representação na História por meio de duas hecatombes onde as mulheres foram as vítimas mais numerosas: a Caça às Bruxas e a Inquisição/ Santo Ofício, onde o sagrado e o profano conviveram lado a lado. Assim, como advogam Paradiso (2011) e Zordan (2005), a imagem da bruxa foi sendo construída a partir de discursos que apresentavam as mulheres metaforicamente como seres autônomos e sexualmente emancipados, em oposição direta ao sistema de controle patriarcal hegemônico; a personificação da rebeldia, da autossuficiência, dos instintos mais primitivos e de uma sexualidade selvagem. Em vista dessas características, fez-se necessário moldá-las ao discurso falocêntrico: emudecê-las e ceifá-las.

Ellis (1995) afirma que essa mudança começou de forma gradual e aparentemente bem-intencionada. Aos poucos, a medicina tradicional dos antepassados passou a ser considerada bruxaria pelos que professavam a fé em Cristo, subestimando, sobrepujando e

rebatizando antigos saberes. As pessoas que faziam uso dos antigos conhecimentos pré-cristãos (como filtros e poções) passaram a ser implacavelmente perseguidas. Com o cristianismo cada vez mais preponderante, intolerante e imponente, tornava-se inviável que as mulheres continuassem a agir como sempre haviam agido; não se aceitava mais que seguissem remediando a vida. Bastava com gestá-la (CÂMARA, 2016).

Contrariando o que se esperava a princípio, após esses eventos misóginos e genocidas, essa Deusa imortal segue conosco, reconfigurada e garantindo sua continuidade. Ela, à luz de Oliveira (2005), continuou escondida, reaparecendo paulatinamente por meio do trabalho incansável de historiadores, arqueólogos, mitólogos, antropólogos, historiadores da arte, cientistas e artistas. Com seu ressurgimento, emergiu também o culto a Ela e ao que se refere ao Divino feminino e que desde a segunda metade do século passado vem sendo cada vez mais reverenciado.

A continuação desse Divino Feminino vivo e pulsante é analisada na próxima seção, a última e a que fecha esse marco teórico.

2.3 A presença da Deusa na contemporaneidade, na prática neopagã dos círculos de mulheres

A figura da Deusa foi resgatada por intelectuais ligados ao movimento feminista já no século XX, baseados nas ideias de Bachofen (1967) e Gimbutas (1982) a respeito de uma sociedade matrifocal ou matrística em culturas pacíficas e cooperativas nas quais as mulheres ocupavam posições sociais importantes como, por exemplo, as de sacerdotisas e de chefes de clãs matrilineares, onde a filiação era definida por meio da linhagem materna (OLIVEIRA, 2005). A esse movimento de resgate deu-se o nome de *Espiritualidade Feminista* ou de *Religião da Deusa*, com a Deusa entronizada como a principal entidade de seu sistema sagrado.

Essa Deusa repaginada é a mais importante inspiração para o neopaganismo, no qual ocupam lugar destacado as danças circulares sagradas, sistematizadas no século XX pelo bailarino, coreógrafo e pedagogo alemão Bernhard Wosien, ainda que tenham surgido séculos antes (COSTA, 2018). As sessões de danças circulares são normalmente capitaneadas por uma focalizadora, cuja formação cimenta-se em cursos livres ou profissionais sobre a modalidade. Seu papel principal no grupo é o de promover a interação entre as dançantes na roda e o de ajudá-las a acessar o Sagrado Feminino de cada uma por meio de dinâmicas específicas.

Aqui fazemos um recorte para discorrermos sobre uma das principais características das religiões da Nova Era: o resgate da conexão entre o feminino e o Sagrado, através do simbolismo representado pelo sangue menstrual e tendo a Deusa como divindade vultosa que inspira essa religião (CORDOVIL, 2015). A revalorização do útero/ventre como berço da Humanidade, como espaço sacralizado que diferencia mulheres de homens, é o cerne do que se conhece como Sagrado Feminino. Para esse movimento, a menstruação é o ponto fulcral de onde partem as vivências, as meditações e os rituais. Por trás dessa revalorização do mênstruo está o autocuidado: as praticantes respeitam os dias de suas regras e evitam esforços desnecessários, repousam mais e *plantam suas luas*, ou seja, oferecem à Deusa seu sangue menstrual ao regarem uma planta com ele diluído em água ou diretamente depositado na terra, como supõe-se que faziam nossas antepassadas pré-históricas.

Normalmente, nos círculos de mulheres que cultuam o Sagrado Feminino, à luz de Sinisterra (2013), um dos aspectos que caracteriza as praticantes é a *natureza selvagem* que elas possuem, ou seja, a condição da mulher que se expressa ao se ultrapassarem os limites da domesticação das emoções. Sobre isso, Clarissa Pinkola Estés (2004), psicanalista junguiana, em seu livro *Mulheres que Correm com os Lobos* (1992), estabelece um diálogo com o arquétipo da mulher selvagem a partir de mitos e relatos de diversas origens:

O arquétipo da mulher selvagem pode-se expressar em outros termos igualmente idôneos. Essa poderosa natureza psicológica pode-se chamar natureza instintiva, mas a Mulher Selvagem é a força que se oculta por trás dela. Pode-se chamar psique natural, mas por trás dela está também o arquétipo da Mulher Selvagem. Pode-se chamar de natureza inata e fundamental das mulheres. Pode-se chamar de natureza autônoma ou intrínseca das mulheres. [...] Quando perdemos o contato com a psique instintiva vivemos num estado próximo à destruição e as imagens e faculdades próprias do feminino não podem se desenvolver plenamente. Quando uma mulher se afasta de sua fonte básica, fica esterilizada, perde seus instintos e seus ciclos vitais naturais, e estes são subsumidos pela cultura ou pelo intelecto ou o ego, seja o próprio ou dos outros. (ESTÉS, 2004, p. 20-22).

Essa mulher selvagem está intrinsicamente ligada ao xamanismo e às diversas cosmogonias que compõem as tradições das comunidades étnicas ancestrais das Américas, berço dessas crenças resgatadas hoje, segundo Sinisterra (2013). *Mulheres que Correm com os Lobos* (1992) é uma obra basilar para muitas adeptas do neoxamanismo, assim como o é para as dançantes do círculo de mulheres que nos serviu de objeto de investigação nesse trabalho. Para além disso, alguns círculos de mulheres reproduzem práticas defendidas por autoras ecofeministas e é comum que as dançantes sejam adeptas da permacultura e do vegetarianismo, do que é natural e ecologicamente sustentável.

Sequencialmente, tratamos de nossa pesquisa de campo com o círculo de mulheres por nós analisado nesse artigo.

3. Resultados e discussões

3.1 A presença da Deusa e do sagrado feminino em um círculo de mulheres em Fortaleza

Nossa proposta de trabalho com esse círculo de mulheres foi aceita com entusiasmo pela focalizadora (uma psicóloga junguiana) e por várias congregantes – o que nos deixou à vontade para realizarmos as observações participantes, levadas a cabo em dez sessões de aproximadamente duas horas e trinta minutos cada, assim como a entrevista semiestruturada ao final da pesquisa, em um encontro extra.

Em nosso primeiro contato com o grupo, uma semana antes de iniciarmos nossos trabalhos e após explicarmos os objetivos de nossa investigação, as dançantes e sua focalizadora leram conosco o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), concordaram com o lido e o assinaram, cabendo-lhes a possibilidade de desistirem de servirem como colaboradoras enquanto sujeitos objeto desse estudo a qualquer instante. Aquele foi o momento também no qual decidimos fazer participantes as observações que, a princípio, não o seriam.

O *locus* onde se reúnem focalizadora e dançantes está em um prédio de três andares onde funcionam várias clínicas holísticas bem referenciadas da cidade de Fortaleza, além de duas clínicas de Psicologia. É bem equipada. A antessala é razoavelmente grande, clara, provida de dois sofás, um birô e cadeira para a recepcionista, um aparelho de ionização de água, um carrinho com dois tipos de chá e dois tipos de biscoitos, copos descartáveis de papel e guardanapos, além de dois vasos grandes, com plantas, nas esquinas das paredes. A sala onde ocorrem as rodas é grande, perfumada com incensos, tem esteiras e almofadas guardadas ao fundo e um grande altar ecumênico de frente para a porta de entrada, onde estão representadas várias entidades femininas de algumas denominações religiosas. As paredes são pintadas de azul claro e umas nuances brancas sobre elas remetem-nos a nuvens. No ar, de maneira quase ininterrupta, mantras indianos e tibetanos são entoados em volume baixo a partir de um aparelho de som. Trata-se de um ambiente acolhedor e que transmite paz imediata a quem ali chega. Os trabalhos não são gratuitos: a moeda de troca por cada encontro é representada por uma quantidade monetária fixa e aceita por todas como razoável: R\$ 50,00 (cinquenta reais) que são pagos à recepcionista antes ou depois de cada sessão.

O grupo se reúne semanalmente às quartas-feiras, de 19h às 21h30, desde fevereiro de 2016, tendo parado durante dezoito meses durante a pandemia do novo coronavírus – de março de 2020 a setembro de 2021, quando retornou às atividades presenciais, estando todas as dançantes, a recepcionista e a focalizadora vacinadas naquele momento com uma ou duas doses iniciais da vacina anti-Covid-19. Esta pesquisa, que havia sido iniciada em janeiro de 2020, teve que esperar esse hiato para ser finalizada a contento, já que as observações participantes teriam início na semana que o grupo principiou sua pausa forçada devido às circunstâncias sanitárias adversas pelas quais o mundo passou recentemente. Portanto, as observações participantes por nós levadas a termo realizaram-se de junho a agosto de 2022, com todas as participantes – da pesquisadora à focalizadora, passando pelas dançantes e pela recepcionista, vacinadas com a quarta dose da supracitada vacina.

Dentre as congregantes (incluindo a focalizadora), atualmente, há dezoito mulheres de vinte e três a cinquenta e seis anos, cearenses todas. Nove são solteiras, seis são casadas, três são divorciadas; oito delas são mães e uma é também avó. No início, segundo a focalizadora, as participantes não eram assíduas nem cativas. Com o desenvolvimento do trabalho, algumas saíram, outras entraram e esse grupo solidificou-se como estável. Essas dezoito mulheres vinculam bem e têm entre si sentimentos de sororidade desenvolvidos.

Quanto à vida acadêmico-laboral, quatorze delas são ou foram profissionais liberais, três são alunas universitárias e uma nunca trabalhou porque sempre teve uma renda alimentada pelas posses de sua família, uma das mais abastadas do estado do Ceará. Todas leem sobre o Sagrado Feminino, assistem a palestras e fazem cursos sobre o tema, reciclando-se sempre que possível. Dessas, doze já haviam participado de outros círculos de mulheres antes de iniciar sua participação nesse. Quase todas conheceram o Sagrado Feminino através de outras mulheres.

Normalmente, segundo elas mesmas, vestem saias ou vestidos longos, de tecido leve, e xales – não somente nas rodas, mas no seu cotidiano também. Conforme as explicações de algumas delas, na entrevista, as saias e os vestidos longos representam um canal entre a Mãe Terra (macrocosmo) e seus úteros (microcosmo) – ventre a ventre. Os cabelos são, invariavelmente, longos e soltos, sem tintura química nem tratamentos cosméticos que se utilizam de animais de alguma maneira. Portam brincos, pulseiras, colares, gargantilhas, anéis e tornozeleiras feitos artesanalmente de materiais naturais como sementes e fibra vegetal; três delas usam joias de ouro e/ou prata. Tentam ter uma rotina o mais natural possível: levam uma vida saudável, normalmente com dieta à base de frutas e verduras, praticam exercícios físicos regularmente, alimentam seu espírito com leituras edificantes e evitam as pessoas e os

pensamentos negativos. Apenas duas bebem socialmente, duas outras fumam e quase todas têm uma vida sexual regular e pautada na temperança – apesar de uma delas haver optado por não ter mais relações sexuais por uma questão de ordem pessoal.

Além dessas características em comum, quase todas têm *Mulheres que Correm com os Lobos* (1992) como livro de cabeceira – muito provavelmente por influência da focalizadora, cuja dissertação de mestrado centra-se na análise junguiana dessa obra e sobre a qual discorre sempre. A maioria delas mantém um altar em casa dedicado à Deusa e o preparam de modo especial quando estão em seu período menstrual: quando nesse último caso, há um recipiente que conterá o sangue que ali será depositado e vasos com plantas, onde a *lua* será *plantada*; velas vermelhas, incensos e elementos outros vinculados à menstruação – vermelhos para simbolizar a *lua vermelha*, o mênstruo. É comum entre elas, entre as que menstruam ainda, anotar tudo sobre seus ciclos em mandalas menstruais (agendas onde todos os detalhes referentes aos ciclos menstruais anuais são anotados cuidadosamente).

Ademais, essas mulheres fazem uso massivo de ervas – quer seja em chás ou infusões, quer seja em remédios como emplastos, pomadas, xaropes ou lava-pés –, pois evitam fazer uso de medicamentos alopáticos. É comum entre elas, pelo que nos foi repassado na entrevista, os banhos aromatizados com ervas e seu uso como amuletos ou em simpatias.

Por ocasião dos encontros, observamos que sua frequência a eles é de aproximadamente 90% (noventa por cento). Somente uma delas faltou bastante – cinco semanas seguidas. As outras, ainda que cheguem levemente atrasadas (o que sempre ocorre com uma delas), vêm todas ou quase todas as semanas e são pontuais, chegando alguns minutos antes de começarem as sessões (a pedido da focalizadora).

A dinâmica dos encontros envolve uma acolhida inicial seguida de um momento de meditação, quando as dançantes, sentadas, são induzidas a fazerem, através da visualização criativa, um percurso subjetivo traçado pela focalizadora, em um ambiente preparado para isso: com mantras que ajudam no relaxamento, na concentração e na condução dos trabalhos, e com a utilização de incensos como os de lavanda, sândalo e alecrim. O momento seguinte é alegre, ritmado pela música acompanhada de instrumentos musicais tocados por algumas dessas mulheres, como o chocalho e o tambor, que despertam a pulsão da dança.

Aqui abrimos um recorte para explicarmos que assim como nas reuniões xamânicas, nas neoxamânicas dos círculos de mulheres que têm o Sagrado Feminino como norte, o tambor (que imita as batidas do coração e o próprio pulsar da Terra) e o chocalho são os instrumentos utilizados para se atingir o estado alterado de consciência ao serem tocados pelas praticantes no acompanhamento dos sons e cânticos. As danças também fazem parte dos

rituais tanto no xamanismo quanto nos círculos de mulheres neoxamânicas e neste círculo que nos serviu de objeto de estudo não poderia ser diferente. O cachimbo fecha a tríade de instrumentos sagrados xamânicos e neoxamânicos, ainda que nunca o tenhamos visto entre as dançantes nos dez encontros que com elas tivemos

Assim sendo, cantando e tocando instrumentos, dançam em forma circular, fazendo uso de seus xales e de suas saias rodadas em coreografias ora espontâneas ora ensaiadas, na ciranda conduzida pela focalizadora, por aproximadamente uma hora. Da *playlist* que utilizam, as músicas que mais cantaram e tocaram no círculo, nas ocasiões em que ali estivemos como observadora foram: *Ilumina, Minha Mãe; Vou Banindo; Agradeço a Mãe Divina Cântico para a Deusa Tríplice; Ouça o Meu Chamado; Eu Chamo a Força; Mataji – As Mães Sagradas; Mulheres Grande Espírito; Canção de Pachamama e Mulher Sagrada*. Sempre há algum ritual a uma deusa específica depois desse momento de excitação e que tem duração variável. Por último, a focalizadora as induz a uma meditação em pé, para fechar o encontro, e à saudação entre elas, em forma de beijo do rosto, à guisa de despedida.

Elas se chamam *manas* entre si e se consideram *mulheres selvagens, bruxas, lobas e mulheres medicina*. Essas dançantes honram o Feminino Sagrado corporificado em deusas de diversos panteões: Ártemis, Afrodite, Hécate e Deméter (gregas); Blodeuwedd, Cerridwen, Brígida, Rhiannon e a Deusa Tríplice (celtas); Bast, Hator e Ísis (egípcias); Catlicue (asteca); Durga, Kali e Lakshmi (indianas); Iemanjá, Oxum e Oyá (Yorubás); Inanna, Senhora das Feras e Lilith (sumerianas) e por último, mas não por isso menos importante, Pachamama (andina). Essas vinte e três divindades estão presentes na sala onde ocorrem as rodas/as danças, em forma de estatuetas, sobre o grande altar ecumênico mencionado anteriormente, ou de quadros, nas quatro paredes que formam o ambiente. O fato de serem vinte e três tem uma significação, segundo a focalizadora: representa, para os Mestres Ascensos em quem ela acredita, um número mágico e sagrado.

O culto a algumas dessas divindades ficou muito marcado em quatro das dez observações participantes por nós realizadas ali. Oxum foi cultuada na terceira ocasião em que lá estivemos; Durga na quarta; Cerridwen, na sétima e a Deusa Tríplice celta na décima. Por essas ocasiões, a imagem da deusa honrada naquela noite é previamente colocada no centro do círculo juntamente com alguns objetos ritualísticos a ela referente (ervas, pedras e incensos) e, durante as danças, a focalizadora introduz o nome da deusa, suas atribuições e peculiaridades, e todas dançam com/para ela, como se tratasse de uma invocação.

Como a focalizadora é iogue, professora de Yoga e adepta da ayurveda há mais de duas décadas e psicóloga há mais de três, algumas das visualizações criativas que ela promove

têm como tela a prática milenar do pensamento hindu. As meditações, regressões e digressões têm sempre como fundo musical mantras tibetanos e indianos, sendo a respiração bastante trabalhada nesses momentos. Por acreditar no poder do abraço e do toque como elementos alcalinizantes, a focalizadora insiste em que as congregantes se abracem depois das rodas, que finalizem os encontros sempre com um beijo ritualizado no rosto.

Percebemos que existe muito carinho entre essas mulheres e que a sororidade é um elemento presente nas sessões. Algumas delas tornaram-se amigas depois que passaram a frequentar semanalmente esse círculo e duas delas são um casal há algum tempo. Por outro lado, ficou visível, em alguns momentos, que uma das participantes é um pouco beligerante e que às vezes atrapalha o clima de paz que reina durante as sessões. Como um elemento desagregador é normal e esperado nos grupos humanos, não consideramos perniciosas as intervenções dessa participante em particular; suas atitudes fazem parte de sua personalidade e isso deve ser respeitado, como o é, pelo que pudemos testemunhar.

Ao final das dez observações as quais nos propomos realizar, em um encontro à parte, previsto no TCLE e combinado ao longo dos dois meses e meio com os sujeitos da pesquisa, na última sexta-feira de agosto de 2022, fizemos uma entrevista semiestruturada com as dezoito participantes que durou duas horas e seis minutos. Munida do diário de campo e de um gravador eletrônico de voz, sentamo-nos formando um círculo na sala onde ocorrem as danças. Cada uma recebeu um número (D1 para dançante 1, D2 para dançante 2, até D18 para dançante 18). As perguntas foram feitas uma de cada vez e as dançantes as responderam oralmente, ordenadamente, cada uma em seu momento, em sentido horário. Por seu caráter mais particular, para não as expor diante do grupo, as perguntas 6 e 8 foram feitas individualmente, na sala contígua à que estávamos, na recepção, em voz baixa.

As respostas foram registradas no gravador eletrônico, com o consentimento das participantes, e, para que não perdêssemos nenhum detalhe do que nos estava sendo contado, fizemos um mapa posicional de como estavam dispostas essas mulheres no círculo naquela noite. Algumas das respostas obtidas, a título de ilustração, seguem abaixo. Por uma questão de economia espacial, para cada pergunta, apresentamos duas das dezoito respostas colhidas, triadas aleatoriamente dos dados coletados e aqui apresentamos à guisa de amostra.

3.2 Perguntas e respostas da entrevista semiestruturada com as dançantes

3.2.1 *Como você se tornou uma dançante?*

D6 – Na verdade, eu fui chamada pelo destino, pela Senhora [a Deusa]. Eu *tava* (sic) na Wicca já há alguns meses, mas não me sentia muito à vontade lá, sei lá... Não era a minha, entende? Eu não *tava* (sic) muito a fim desse lance de participar de rituais vestida de céu [despida] – achei invasivo eles quererem meio que me impor isso. Foi quando eu conversando com uma amiga minha, que é dançante, ela me falou dos círculos, que eu já conhecia assim por cima, mas me apaixonei quando vim pra (sic) cá com ela. Eu posso *tá* (sic) cansadíssima (sic), mas venho toda semana.

D1 – Ah, faz tanto tempo que eu nem lembro direito. Já sou dançante há, pelo menos, *num* (sic) sei, vinte anos? Comecei meio que no oba-oba das colegas da faculdade, no início dos anos 2000, quando eu ainda morava na minha cidade e me mudei pra (sic) Fortaleza. Tudo era novo demais *pra* (sic) mim naquele momento e uma amiga era dançante na UECE, num projeto que eles tinham lá, só que eu era da UFC. Mesmo assim, fui um dia, só *pra* (sic) ver mesmo, mas torcendo para falar com a focalizadora e *fazer ela* (sic) me aceitar. Deu certo. Comecei naquele dia mesmo. Só que eu ainda não estava preparada e depois de um tempo, deixei. Só retornei há pouco tempo, mas *tô* (sic) amando.

3.2.2 Como chegou até esse círculo de mulheres?

D2 – A [focalizadora] foi minha terapeuta durante uns anos difíceis da minha vida, quando perdi três parentes muito próximos em questão de oito meses. Um dia, esperando o meu horário porque cheguei cedo demais, peguei no birô da recepção um panfleto, me informei direitinho e comecei na semana seguinte. A [focalizadora] já tinha me falado dele [desse círculo de mulheres] nas sessões, mas eu não havia ligado lé com cré. Estou até hoje – e adoro! Vou ter que me mudar daqui a menos de dois meses para outra cidade por conta do trabalho e já estou super chateada porque não vai dar pra (sic) seguir aqui com as manas e parece que na cidade pra (sic) onde eu vou não tem círculo.

D7 – Pois é... Faz muito tempo já. Meu ex-noivo vinha fazer terapia aqui no prédio com um psicólogo e eu, um dia, entediada, acabei dando uma voltinha pra (sic) merendar lá embaixo. Foi lá que eu vi um panfleto das rodas [referindo-se a esse círculo de mulheres] e conversei com a [focalizadora], que naquela noite não tinha círculo e estava terminando de pintar uma mandala na recepção junto com o marido dela. Aí na semana seguinte eu apareci aqui toda tímida e envergonhada (porque eu era assim e ainda sou, mas estou bem melhor) e, desde aquele momento, eu fiquei.

3.2.3 Você tem ou teve alguma religião? Em caso afirmativo, qual?

D5 – Sim, sou kardecista desde a adolescência, quando minha avó, que me criou, desencarnou, em 1998.

D16 – Sou wiccana desde 2016 e agora pertenço a um *coven*³ novo. Sou um dos treze membros. Tenho meu altar em casa e sempre faço meus rituais para o Deus e a Deusa, que no meu caso, devido à tradição⁴ do meu *coven*, são as deusas celtas.

3.2.4 Em que o fato de ser uma dançante ajudou ou atrapalhou o seu sistema de crenças, se você o tiver?

D3 – Se atrapalhou? Não! Como que vai atrapalhar? O círculo só melhora a vida da gente!

D8 – No começo, sim, um pouco. Eu era muito quadradona antigamente, muito limitada, até porque nasci numa família ultracatólica e machista, tenho dois tios que são padre e tudo. Daí você imagina como foi chocante no começo, mas logo me acostumei e hoje eu respeito muito a figura da mulher – muito por influência do respeito enorme que passei a ter pela mulher depois que comecei a frequentar esse círculo. Tenho, inclusive, um altar na minha casa com algumas deusas que amo, como Deméter e Ísis. Nem preciso te dizer que escuto um monte de minhas irmãs e da minha mãe por causa disso, né? Acham que é coisa do demônio e tal, mas eu relevo. Por mais que eu explique, elas não entendem. Para não me desarmonizar com elas, abstraio.

3.2.5 Quais são os hábitos de vida que você adota que te diferenciam das mulheres que não são adeptas do Sagrado Feminino?

D11 – Hum... Sou vegana há sete anos, tenho minha horta no apartamento há, sei lá, cinco, seis anos – talvez até um pouco mais. Todos os meus pratos foram humanizados antes mesmo de estarem na moda; meus filhos não comem nada processado; sou adepta de todo tipo de chá que você possa imaginar; faço meus próprios shampoos, cremes dentais e sabonetes com juá e limão; tenho um altar lindo

³ *Coven*, conventículo ou conciliábulo é o nome genérico dado a uma agregação ou reunião de bruxos para a realização de rituais religiosos e ritos. Tradicionalmente, ele abriga o máximo de treze pessoas. (PRIETO, 2009, p. 33).

⁴ Tradição do *coven*: O termo *Tradição* se aplica tanto a versão da Wicca que se pratica quanto ao grupo de *Covens* que praticam um determinado sistema de Bruxaria. Tais grupos são unidos por princípios, éticas, rituais, práticas mágicas e linhagem ancestral em comum. Cada Tradição é formada por diversos *Covens*, que funcionam como uma extensão dela, um ramo autorizado a agir, atuar, ensinar e falar em nome da Tradição. Poderíamos comparar isso a um sistema de redes. Um *Coven* seria uma sucursal local de uma Tradição, da mesma forma que as agências de banco ou lojas de uma rede são uma filial de uma grande corporação. As mais importantes são: a Alexandrina, a Diânica, e a Gadneriana, dentre outras. (PRIETO, 2009, p. 48).

pra (sic) Deusa na minha casa; só uso vestido e saia. Adoro um xale e uso até na cabeça. Não corto meus cabelos por nada – só as pontinhas; plantava a lua quando menstruava, mas, como estou na menopausa, esse ritual não acontece mais com meu sangue – infelizmente. Além disso, não dispense o Yoga, que pratico há alguns anos.

D14 – Sou vegana, minha esposa também é, o que ajuda muito. Planto minha lua todo mês; não consumo nada que seja processado; faço meus próprios cosméticos e remédios com as plantas que temos no nosso sítio; durmo cedo, acordo cedo e leio muito sobre tudo o que se refere ao Sagrado [Feminino]; não bebo nem fumo mais e estou me capacitando pra (sic) ser doula porque a Enfermagem já não dá mais pra (sic) mim. Minha esposa é mais dedicada ao lado espiritual do que eu e quero muito ser como ela um dia. Temos um altar na entrada da casa, dedicado à Deusa na figura de Ísis, Yemanjá, Pachamama e Inanna, quatro deusas que gostamos muito das tantas que conhecemos aqui no círculo.

3.2.6 O que você mais gosta e menos gosta nessas práticas?

D12 – Eu AMO tudo! Zero reclamações!

D9 – O que mais gosto: a energia de cada encontro; saio revigorada. O que menos gosto: o horário – antes não tinha problema, mas agora preciso fazer pilates por causa de um problema, só que a única vaga que elas têm na clínica onde quero fazer é justamente no dia e horário do círculo. Aí tenho que escolher e não quero desistir daqui. Então, vou deixando pra (sic) lá o pilates, esperando que apareça outro horário.

3.2.7 Você faz uso de terapias integrativas e complementares ou da alopatia? Como busca a cura para os males físicos, mentais e espirituais?

D10 – Como eu sou da Umbanda, tenho meus rituais e minhas simpatias, meus pequenos feitiços, mas nada ofensivo. Muito pelo contrário. Então... Sou uma pessoa bastante sadia. Minha única doença mesmo é a enxaqueca, mas isso é de família, não tem cura. Mas eu curo pequenos problemas como cólica, insônia e intestino preso com remédios caseiros.

D4 – Meu irmão é acupunturista e sempre recorro a ele quando tenho minhas crises de labirintite, que é um problema que sempre tive, mas que piorou muito na vida adulta. Não é sempre que tenho, mas quando a crise vem, passo a semana acamada, afastada do trabalho e preciso remarcar todos os meus clientes e qualquer compromisso no consultório porque não dá mesmo. A acupuntura não cura no meu caso, mas alivia muito. Fora (sic) isso, sempre gostei de remédios naturais e sou uma consumidora de gengibre e cúrcuma. Coloco esses ingredientes em quase tudo o que eu preparo. E... também lambedor [xarope caseiro que

combate problemas respiratórios] – tomo lambedor mesmo sem estar gripada porque gosto do sabor, que me lembra a infância na casa de meus tios e avós.

3.2.8 Como é a empatia e a sororidade entre as mulheres que participam de círculos de mulheres?

D11 – Olha, na verdade, normalmente é boa. Mas tu sabe (sic) como é mulher, né? Há muita competição. Não era pra (sic) ser assim, mas, infelizmente, é. Aqui nós temos uma mana que é bastante complicada, cê (sic) tá (sic) me entendendo? Ela é uma moça bacana, mas tem um gênio daqueles. Quando ela está sem paz, acaba também tirando a nossa. Eu não discuto por nada nem com ninguém, mas ela tem uma birra com uma de nossas manas. Eu acho, sinceramente, que ela tira a harmonia do grupo, mas a [focalizadora] não faz nada, só conversa com ela. Eu acho que ela não deveria continuar.

D5 – É boa. Poderia ser ótima se todo mundo se esforçasse. Aqui mesmo temos uma mana que não ajuda nesse sentido. É uma menina bastante grosseira e já fez confusão com algumas de nós. Eu gosto dela, mas tem dias que ela está insuportável. Se eu fosse a [focalizadora], eu não teria ela (sic) aqui. Chega a ser desgastante – para mim nem tanto, mas para a [participante afetada pela personalidade bélica dessa dançante]. Deixa eu te perguntar uma coisa: tu não vai (sic) mostrar isso pra (sic) ela não, né? É porque detesto confusão e não queria que você abrisse isso [meneio a cabeça rapidamente, em silêncio, para indicar que não].

3.2.9 Como você lida com a sua menstruação?

D13 – Eu honro meus ciclos. Me (sic) sinto tocada pela Deusa, plena, quando meu sangue desce. Literalmente. Costumo usar umas pulseiras de contas, como essa [mostra uma pulseira marrom, feita de sementes], para indicar o momento em que estou no meu ciclo. Quando minhas regras baixam, uso a vermelha, por exemplo, e meu companheiro entende que nesses dias eu sou completamente minha e da Deusa. Uso coletor porque sou contra absorventes, planto a lua e me resguardo. Sempre tive muita cólica, fico *mole* [debilitada] no primeiro ou no segundo dia, e não tenho relações até não vir mais sangue. Me (sic) respeito mesmo e meu companheiro entende.

D7 – Quando eu era menina, eu sempre quis ser moça [experimentar a menarca] porque todas as minhas primas e irmã já eram. Então, aos doze anos, eu tive

a menarca e meio que me arrependi de ter esperado tanto por ela. Tinha cólicas pavorosas e nenhum remédio passava a dor. Morria de vergonha no colégio porque passava mal de verdade, suando frio e quase desmaiando. Foi aí que minha mãe me levou numa ginecologista, quando eu tinha uns dezenove anos, e ela me receitou pílula anticoncepcional. Minha mãe não gostou nada da ideia, mas foi o jeito. Bendita pílula! Eu já namorava firme na época e iniciei minha vida sexual certa de que não iria engravidar por conta da pílula. Depois deixei de lado, mas minhas cólicas não foram nunca mais tão dolorosas como antes. Mas sempre associei menstruação a sofrimento. Participar do círculo me ajudou muitíssimo a ressignificar minha relação com o meu sangue, honrando a Deusa através dele.

3.2.10 Como você lidava com a menstruação antes de entrar aqui?

D17 – Detestava. Ficava em pânico com a ideia de me sujar porque meu fluxo é abundante e eu já passei por uns perrengues com vazamentos. Depois que passei a usar o coletor, acabou-se o medo. Só lamento ter descoberto o coletor há pouco tempo.

D11 – Eu sempre gostei de menstruar e por mim ainda estaria menstruando, mas a anciã [a terceira e última fase na vida da mulher, segundo Estés (1992)] está batendo na minha porta. Sempre fui a mocinha da casa, a única filha entre dois irmãos e mamãe me criou para ser muito natural e livre. Mamãe sempre foi uma mulher muito à frente do seu tempo. Achava o máximo ela pedindo silêncio aos meus irmãos e ao meu pai porque eu estava deitada, *incomodada*, que era como ela dizia quando eu estava com cólica. Ela, nesse sentido e em muitos outros, era uma *feminista* quando esse termo por aqui nem existia ainda.

Pelo que depreendemos dessas respostas, fica evidente que essas mulheres têm um estilo de vida que corresponde ao seu sistema de crenças – bem distinto do trivial entre nossas contemporâneas. Estão felizes por participar de um círculo de mulheres, lidam bem com a menstruação ou com sua ausência, não consomem carne, tendem a não fazer uso de cosméticos nem de produtos de higiene quimicamente pesados, usam roupas leves, recorrem à farmacopeia natural para curar males e mal-estares menores, nutrem-se de bons pensamentos e de bons hábitos, cultuam a divindade feminina em forma de deusas de diversos panteões sagrados do mundo e têm sentimentos de sororidade, de alteridade, de empatia e de autoestima bem trabalhados. Em outras palavras: vivem de maneira saudável e atestamos que o círculo de mulheres do qual participam colabora para que sua completude como mulheres que buscam em si o Divino Feminino se efetive.

4. Considerações finais

Ao concluirmos esse trabalho, asseveramos o quão importante foi havermos estudado o tripé Deusa, Sagrado Feminino e danças circulares, evidenciado na pesquisa que fizemos com um círculo de mulheres que cultuam semanalmente o Sagrado Feminino e a Deusa, em rodas, desde 2016, e que apenas encontrou um hiato durante certo momento durante a pandemia de Covid-19.

Apesar de não haver sido o foco de nossa investigação pós-doutoral, esse tema transversal atravessou nosso caminho enquanto investigadora no momento em que se colhiam os dados para a pesquisa com algumas rezadeiras do município de Fortaleza e instigou-nos a explorá-lo *a posteriori*. Ao fazê-lo, percebemos o quanto esse fenômeno vem se estabelecendo como uma tendência entre as mulheres que buscam um canal de ligação do microcosmo (elas próprias) com o macrocosmo (a Espiritualidade feminina) a partir da sororidade que o neopaganismo prevê e provê.

A experiência de haver entrado em contato com um universo de crença similar ao nosso, mas não praticado por nós, propiciou-nos descortinar outra perspectiva acerca do feminino sagrado que, até então, apenas havíamos conhecido na teoria. A acolhida que nos foi dada por essas mulheres, tendo sido nossa proposta aceita de maneira empática e imediata, despertou-nos ainda mais interesse pelas temáticas abordadas naquelas ocasiões – e que se concretizou nas dez observações participantes com elas realizada, além da entrevista individual final.

Tal como estamos hoje, em um pendor crescente – ainda que de maneira não homogênea – de resgatarmos e revivermos nossa ancestralidade, especialmente evocando o feminino em nós e em nosso entorno, é cada vez mais necessário promovermos debates que concorram para a erradicação do estigma que ainda supõe ser e ter a menstruação em nossa sociedade, impactando na estigmatização do Sagrado Feminino. Em um país como o nosso, onde a pobreza menstrual ainda é uma realidade vergonhosa, veicular instrumentos que desmistifiquem esse tema é de fundamental importância.

De igual maneira, é imperante desconstruirmos o discurso hegemônico das religiões monoteístas, que se impõem como as certas e as únicas a merecerem ser seguidas – excluindo a figura feminina de suas liturgias, onde as mulheres são apenas meras praticantes, sem o mesmo poder que é dado aos homens. Como estamos em um país laico e que respeita todas as religiões ou sua ausência, sendo a maioria da população formada por mulheres, é mais do que urgente colocarmos o elemento feminino no centro dos sistemas de crença – se não como entidades, pelo menos como livres praticantes de seus cultos, pertencentes à religião que melhor lhes convier e apeter.

Percebemos, dito de outra forma, que o culto à Deusa, às divindades femininas de qualquer panteão, possui potencial em si para contribuir com a (re)valorização do corpo e dos valores femininos, ajudando a superar o machismo que nos amordaça há mais de vinte séculos por meio de amarras que se cristalizam na figura da religião, impactado essas melhorias no ambiente em que homens e mulheres vivem – ainda que nem sempre na harmonia que se espera.

Esses e outros assuntos que tratamos neste artigo que ora se encerra são temáticas fascinantes e que merecem um olhar mais atento da Academia em trabalhos posteriores pela validade que apresentam, pela importância dos assuntos abordados e por sua atualidade como passíveis de análise mais aprofundada por investigadoras e investigadores das mais diversas áreas do saber – da Antropologia, da História, da Sociologia, da Psicologia e da Letras, para citar algumas da seara das Ciências Humanas.

Referências

BACHOFEN, J. J. *Myth, Religion and Mother Right*. Princeton: Princeton University Press, 1967.

CÂMARA, Y. R. Morgana versus Ginebra: análisis de la dicotomía entre las representantes del paganismo y del cristianismo en el mundo celta de *Las nieblas de Avalon*. 427 f. Tese. Orientadores: Prof. Dr. Fernando Alonso Romero e Profa. Dra. Cristina Mourón Figueroa. Universidad de Santiago de Compostela, Departamento de Língua Inglesa e Alemã, Doutorado em Filologia Inglesa – Tendencias Actuales em los Estudios Ingleses y sus Aplicaciones, Santiago de Compostela, 2016. Disponível em: <https://minerva.usc.es/xmlui/handle/10347/14631>. Último acesso: 20 fev., 2023.

CORDOVIL, D. O poder feminino nas práticas da Wicca: uma análise do círculo de mulheres. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 23, n. 2, p. 431-449, maio-ago., 2015.

COSTA, F. S. Danças Circulares e o Sagrado Feminino: reflexões a partir de uma abordagem sócio-cultural. 74 f. TCC (Monografia). Orientadora: Profa. Espa. Jaciara Jorge. Universidade Federal de Pelotas, Centro de Artes, Curso de Licenciatura em Dança, Pelotas, Rio Grande do Sul, 2018. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/danca/files/2018/08/TCC-Fran-FINAL.pdf>. Último acesso: 20 fev., 2023.

ESTÉS, C. P. *Mulheres que Correm com os Lobos*. São Paulo: Rocco Editora, 1992.

FELDMANN, S. A. Reflexões sobre os Mitos Antijudaicos Medievais: o Simbolismo do Sangue nas Relações Cristãs Judaicas (Século XII a XV). In: OLIVEIRA, Terezinha. *Visões de Mundo da Antiguidade e Medievo*. Abordagens Historiográficas, p. 48-67. Aracaju: Editora Universitária Tiradentes, 2016. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Sergio-Feldman/publication/329156072_VISOES_DE_MUNDO_DA_ANTIGUIDADE_E_MEDIEVO/links/5bf863d4458515a69e3749c3/VISOES-DE-MUNDO-DA-ANTIGUIDADE-E-MEDIEVO.pdf#page=48. Último acesso: 20 fev., 2023.

FREITAS, R. M. de. A Mãe Sagrada e a Mulher que Aborta: O Corpo Feminino em Questão. In: *Anais do Seminário Internacional Fazendo Gênero – Desafios Atuais Dos Feminismos*, 10, Florianópolis, p. 1-10, 2013. Disponível em:

https://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1372661406_ARQUIVO_Titulotitulotitulotitulotitulotitulotitulo.pdf. Último acesso: 05 mar., 2023

GIMBUTAS, M. *The Goddesses and the Gods of Old Europe*. London: Thames and Hudson, 1982.

JUNQUEIRA, S. R. A.; SCHLOGEL, E.; K., Claudia. Vertentes Religiosas e a (De) Formação do Feminino. *Divers@!* – Revista Eletrônica Interdisciplinar, Martinhos, v. 2, n. 1, p. 25-43, jan. /jun., 2009. Disponível em:

<https://revistas.ufpr.br/diver/article/view/34057/21207>. Último acesso: 05 mar., 2023.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. *Fundamentos de Metodologia Científica*. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MINAYO, M. C. de S. (Org.). *Pesquisa Social*. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

OLIVEIRA, R. Em nome da Mãe: o arquétipo da Deusa e sua manifestação nos dias atuais. *Revista Ártemis*, n. 3, p. 1-16, dez., 2005. Disponível em:

<https://periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/view/2200/1939>. Último acesso: 05 mar., 2023.

PESSOA, C. de O. A Simbologia da Serpente no Antigo Oriente Próximo, na Sagrada Escritura e na Literatura Extracanônica. 147 f. *Dissertação* (Mestrado). Orientadora: Profa. Dra. Aíla Luiza Pinheiro de Andrade. Universidade Católica de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Teologia, Recife, 2020. Disponível em:

http://tede2.unicap.br:8080/bitstream/tede/1300/5/Ok_cleandro_oliveira_pessoa.pdf. Último acesso: 03 mar., 2023.

PRIETO, C. *Wicca para todos: um guia completo para a prática da Bruxaria Moderna*. São Paulo: Editora Alfabeto, 2009.

PRIETO, C. O Arquétipo da Deusa na Vida, na Cultura e na Arte Literária. *Graphos*, João Pessoa, v. 10, n. 1, p. 103-112, 2008. Disponível em:

<https://periodicos.ufpb.br/index.php/graphos/article/view/4306/3257>. Último acesso: 05 mar., 2023.

PRIETO, C. *ABC da Bruxaria*. São Paulo: Editora Gaia, 2002.

RIBEIRO, M. G. O sagrado Feminino na Literatura. *Ipotesi*, Juiz de Fora, v. 16, n. 2, p. 63-75, jul. /dez., 2012. Disponível em:

<https://periodicos.ufjf.br/index.php/ipotesi/article/view/25762/14680>. Último acesso: 05 mar., 2023.

SINISTERRA, M. L. C. Circulando no Sagrado: tradições, rituais e cerimônias ancestrais na vida moderna – uma experiência na Ecoaldeia La Atlantida em Cajibío – Cauca – Colômbia.

191 f. *Tese* (Doutorado). Orientadora: Profa. Dra. Simoni Lahud Guedes. Universidade Federal Fluminense, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Niterói, 2013. Disponível em:

<https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/6532/Mary-Lilia-Congolino-Sinisterra.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Último acesso: 05 mar., 2023.

SOUSA, D. P. A. de. Magia e Cultura Patriarcal: as Transformações na Imagem de Pharmakis na Antiguidade. *Monções* – Revista de História da UFMS/CPCX, v. 1, n. 1, p. 100-123, set., 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/moncx/article/view/153>. Último acesso: 03 mar., 2023.

VIEIRA, T. B. Gênero e Religião: Paganismo e o culto à Deusa na Contemporaneidade. 79 f. *Dissertação* (Mestrado). Profa. Dra. Marlene Neves Strey. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Faculdade de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Mestrado em Psicologia Social, Porto Alegre, 2011. Disponível em:

<https://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/743/1/430612.pdf>. Último acesso: 05 mar., 2023.

Lo sagrado femenino y la presencia de la Diosa en un círculo de mujeres en Fortaleza

Resumen

Este artículo – resultado de una investigación básica, con enfoque cualitativo y objetivo exploratorio–, surgió de la necesidad de abordar la Espiritualidad femenina representada por las danzas circulares que rinden culto al Sagrado Femenino. Así, anclamos nuestro levantamiento bibliográfico en Cordovil (2015), Ribeiro (2008, 2012) y Oliveira (2005), entre otras y otros investigadores. A partir de esa revisión de literatura, unimos la teoría a la práctica en el trabajo de campo con observaciones participantes y aplicamos una entrevista final semiestructurada con integrantes de un círculo de mujeres que practican danzas sagradas femeninas en la ciudad de Fortaleza, en la provincia de Ceará, mujeres que adoran a la Diosa y reverencian la sangre menstrual. A modo de conclusión, se cree que el resultado de esa investigación tiene el potencial de contribuir a mostrar la importancia del estudio de este fenómeno, paralelo a muchas otras formas de expresión de la Espiritualidad entre las mujeres.

Palabras clave: Espiritualidad femenina, Danzas circulares, Círculos de mujeres.

Le féminin sacré et la présence de la Déesse dans un cercle de femmes à Fortaleza

Résumé

Cet article – résultat d'une recherche fondamentale, avec une approche qualitative et un objectif exploratoire –, est né du besoin d'aborder la Spiritualité féminine représentée par les danses circulaires qui vénèrent le Féminin Sacré. Ainsi, nous ancrons notre enquête bibliographique dans Cordovil (2015), Ribeiro (2008, 2012) et Oliveira (2005), entre autres et d'autres chercheurs. Sur la base de cette revue de la littérature, nous avons combiné la théorie avec un travail de terrain d'observation participante et appliqué une entrevue finale semi-structurée aux membres d'un cercle de femmes qui pratiquent des danses féminines sacrées dans la ville de Fortaleza, dans l'État brésilien de Ceará, des femmes qui adorent la Déesse et vénérer le sang menstruel. En guise de conclusion, on pense que le résultat de la recherche a le potentiel de contribuer à montrer l'importance d'étudier ce phénomène, parallèlement à de nombreuses autres formes d'expression de la Spiritualité chez les femmes.

Mots clés : Spiritualité féminine, Danses circulaires, Cercles de femmes.

The sacred feminine and the presence of the Goddess in a circle of women in Fortaleza

Abstract

This article – the result of basic research, with a qualitative approach and an exploratory objective –, arose from the need to address the feminine Spirituality represented by circular dances that worship the Sacred Feminine. Thus, I anchor my bibliographic survey in Cordovil (2015), Ribeiro (2008, 2012) and Oliveira (2005), among other scholars. From this bibliographical survey, I add it to the fieldwork final with a semi-structured interview with members of a circle of women who practice sacred feminine dances in the city of Fortaleza, in the Brazilian state of Ceará, women who worship the Goddess and revere menstrual blood. By way of conclusion, it is believed that the result of the research on screen has the potential to contribute to showing the importance of studying this phenomenon, parallel to many other forms of expression of Spirituality among women.

Keywords: Female spirituality, Circle dances, Women's circles.